

**Entre o local e a cidade, a experiência de jovens da periferia.
Florianópolis -2000-2010.**

Francisco Canella*

O artigo investiga as práticas e representações de jovens de uma localidade da periferia empobrecida de Florianópolis, cidade cujo crescimento tem sido acompanhado pelo aumento dos espaços de pobreza. A localidade enfocada tem a peculiaridade de ter resultado de lutas pelo solo urbano ocorridas há duas décadas. Se a primeira geração de moradores encontrou na mobilização coletiva a principal estratégia para a conquista de seu espaço, na segunda geração constata-se significativas mudanças em seu processo de inserção na cidade.

O grupo de jovens aqui analisado tem em comum em suas trajetórias de vida a participação em projetos socioeducativos desenvolvidos por meio de um programa de extensão universitária, o qual posteriormente encaminhou-os para estágios de trabalho em diferentes órgãos públicos e entidades do terceiro setor. Tal fato comum a eles o torna, no contexto de sua localidade, onde os jovens sofrem com o desemprego, com a violência e com a criminalidade, um grupo bastante diferenciado. São os jovens que “deram certo”. A participação em projetos socioeducativos e o ingresso em estágios para iniciação ao trabalho desempenharam o papel de fazer a integração com o mercado, com a vida da cidade e fortaleceram os laços na localidade.

Procura-se aqui desenvolver uma reflexão acerca das trajetórias desses jovens. A premissa é que o destino social desses jovens pode ser melhor compreendido se analisarmos a relação com o espaço da cidade, seja no nível local, seja na relação com a esfera mais ampliada da cidade.

Isso é feito com uma metodologia baseada em entrevistas e, principalmente, a partir da observação direta realizada ao longo de atividades de pesquisa e de extensão como professor da universidade, mas também na condição de alguém que havia sido no passado um apoiador do movimento. Procuro assim analisar como as práticas e

* Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC; doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPCIS\UERJ

representações dos jovens estão relacionadas com o campo de possibilidades com que se defrontam no espaço da cidade. Esse espaço é pensado na articulação de três níveis: o privado, o plano local e a esfera pública da cidade.

Sobre a circulação: o local como resistência

Uma primeira observação é que esses jovens, salvo poucas exceções, apresentam maior desenvoltura na circulação por diferentes espaços da cidade. Mas há que se pensar que essa característica, a intensidade da circulação, é própria da juventude. Cessada a fase dos projetos, muitos começam a limitar suas saídas da localidade. Os que passaram a constituir novas famílias reduziram significativamente suas saídas. Outros, por trabalharem muitas horas por dia (e muitos dias por semana), passam a limitar seus deslocamentos cotidianos às idas até o trabalho e a volta para casa. Mas a experiência com a cidade já é outra, sentem-se mais seguros e desenvoltos na sua relação com outros espaços da cidade que a geração de seus pais.

No entanto, mesmo entre os casos aqui analisados, de um grupo que apresenta certas características comuns, os resultados são desiguais. Posso citar como exemplo os casos de Billy e de Luísa, onde, como argumentei mais acima, o inseguro Billy pretende ficar, enquanto Luísa, segura e autoconfiante, pretende sair para poder realizar seus projetos. Os que têm mais chances, aqueles que desenvolveram estratégias individuais de integração no mercado de trabalho, e obtêm recursos econômicos para isso, são os que mais buscam alternativas de sair, ou revelam esse desejo de modo mais evidente, buscando sair¹.

¹ Poderíamos aplicar a lógica empregada por Foote Whyte em seus estudos em bairros de imigrantes italianos em Boston, onde conclui que os mais ajustados à vida local estariam sendo “punidos”, pois sofreriam um duplo bloqueio no seu processo de adaptação à sociedade norte-americana: teriam dificuldade em se adaptar em razão de suas formas de organização, internas ao bairro, e por não estarem aptos a enfrentar o “mundo de fora”, não terem as ferramentas culturais para integrar-se na sociedade diferente. A deslealdade daqueles que saíram seria premiada com a adaptação e aceitação na sociedade norte-americana. Em nosso caso, guardadas algumas proporções, pois não se trata a Nova Esperança de uma comunidade étnica, é possível incorporar a mesma lógica no que se relaciona ao movimento de saída do local. Os mecanismos internos (no caso são as formas de organização, analisadas por Foote Whyte no bairro italiano, o modo de vida, os valores, princípios que organizam suas práticas) não geram o aprendizado necessário para a vida da cidade, não fornecem as ferramentas para a integração ao mundo de fora (por mais que se admita que a relação dentro-fora não se coloque do mesmo modo que nos guetos norte-americanos). Com poucas alternativas locais em termos de oportunidade de trabalho e de criação de alternativas para o seu futuro, a criminalidade cresce como

Com relação ao permanecer morando ou não na localidade, são muitas as idas e vindas desses jovens: seus percursos são marcados por uma profunda instabilidade. Muitos saem da casa dos pais, optam por morar nas imediações, mas são freqüentes os retornos para casa. Presenciei durante o período da pesquisa inúmeros casos de saídas, a maioria delas motivadas por uniões conjugais, e retornos – por separação do cônjuge e/ou por falta de recursos para se manter vivendo sozinho (por conta da perda de emprego). Na verdade, pode-se dizer que, se exercem escolhas ao saírem da localidade, essas não se sustentam e, ao contrário do que acontece com outros jovens, o movimento de saída de casa não se traduz em um estilo de vida, normalmente de afirmação de um conceito de juventude. Ao contrário, ao saírem para assumir um casamento, marcam a passagem para a idade adulta, incorporando então a referência cronológica da geração anterior. Mas acabam retornando. A suspensão do compromisso estável, de que fala Melucci, no caso aqui analisado não é sinônimo de maior disponibilidade de possibilidades sociais. Talvez a única possibilidade que se apresenta para eles seja a alternativa da criminalidade, a qual procuraram evitar ao longo dos anos anteriores.

Em uma reunião de várias lideranças do bairro Monte Cristo com o comandante dos bombeiros, realizada na casa comunitária da NE, que tentava implantar um projeto de bombeiros comunitários, ao decidirem o local da próxima reunião, que deveria contar com um número ampliado de participantes, mais de uma vez ade moradores sobre a dificuldade dos jovens circularem na região. A reunião chegava a um impasse, pois conforme o local escolhido (e não eram muitos locais disponíveis, pois exigia uma sala de reuniões que abrigasse um número maior de participantes), uma liderança erguia a voz para informar que “se for lá, os jovens da minha comunidade não irão”.

Tal percepção contrasta com a aquela veiculada por Deivisson, Maicon, Bel, Shirlei. Talvez porque seja um olhar de fora, não de dentro, eram pessoas de uma geração mais velha, na sua maioria acima dos trinta anos de idade. Pensavam jovens em geral, como uma categoria, Ao generalizarem, falam na *juventude* de seus lugares, assim como falam pela sua *comunidade*. Embora seja verdade que muitos jovens, de fato, não

possibilidade, reduzindo ainda mais a chance que outras possibilidades ali se gestem. No entanto, além da diferença acima apontada, os projetos podem ser pensados como resistências a esse processo, uma vez que correspondem também a demandas locais.

circulam, o olhar da geração mais velha não detalha qual jovem se encontra nessa condição, não procura contabilizar quantos efetivamente estão impedidos de circular. Talvez porque seja mais interessante na constituição de uma identidade contrastiva com relação à cidade, que a aproxime da realidade tão destacada pela mídia das grandes metrópoles nacionais. Em lugar de contabilizar os jovens, preferem contar um drama.

Diferente das respostas que colhi nas conversas com os mais velhos, nas entrevistas gravadas com os jovens pude perceber que preferem as entrevistas como momento de falar de si mesmos, não da juventude, mas dos jovens com quem convivem. Não estão preocupados em exibir uma imagem da situação de violência de suas comunidades para aquele que chega de fora, caso das lideranças, para quem tal imagem rende. Como já conhecia muitos deles, responderam-me *de dentro*, sem a mediação de alguma categoria: o problema do jovem, a violência na comunidade, conversando apenas sobre o dia-a-dia que vivenciam. Para os jovens com quem conversei, assim como para muitos dos jovens que com eles convivem, não há problemas em circular nos diferentes territórios, embora escolham o não convívio, o não freqüentar as outras áreas. Não se sentem bem fora de seu espaço, mas se for necessário, podem circular por lá, pois *não devem*, ou seja, não cometeram qualquer deslize nem estão em conflito com quer que seja. Inclusive porque são reconhecidos como moradores do bairro – diferente de quem é por exemplo, da universidade.

Ao contrário, para os jovens que desconstruíram essa imagem, interessa menos veicular essa ideia de território associado à violência. Percebem nisso a fonte de muitos estigmas, e reagem a isso. Daí em algumas falas até mesmo certa veemência na desconstrução dessa imagem, como que me dizendo: “presta atenção, você aí, que é de fora [*e que escreve sobre a gente: sabem que somos da universidade, tem ideia de nossos estudos, e que estamos escrevendo sobre eles, suas vidas, a condição de pobreza em que vivem*], deixa de pensar bobagem sobre o nosso lugar”.

O falar sobre a circulação entre os territórios desestrutura a imagem que se hegemoniza acerca da juventude e seus territórios. Não são lideranças: a eles não interessa a imagem construída que “rende” política ou simbolicamente.

No entanto, em suas avaliações sobre a localidade, afirmam também a existência de problemas. Enfatizam (nesse ponto, de modo muito similar ao da geração dos pais) como aspectos negativos a fofoca, a inveja, a relação que hoje predomina entre as pessoas. Dizem que já foi melhor, reclamam de uma sociabilidade onde as pessoas não ficam mais nas ruas, se recolhendo cada vez mais para o âmbito privado. A diferença é que não responsabilizam a violência por essa nova dinâmica, mas sim os próprios moradores. O medo seria mais um pretexto do que uma causa real do problema.

Mas apostam na mudança, mesmo que não tenham propostas concretas e não estejam engajados em qualquer movimento para tentar essa mudança. A mudança teria a ver com a mudança nas sociabilidades, na possibilidade de transcender os limites do espaço local.

“O jovem, hoje em dia, pensa que é jovem, tem que fazer as coisas no impulso, na adrenalina e não tem responsabilidade por trás disso. Não adianta fazer, não digo eu, fazer... Vamos dizer: tem um paredão ali, alto, branco, cru, pegar umas latas de spray e sair pichando. Já pensa diferente: já que tem aquele muro alto, branco, cru... se for fazer alguma coisa, trabalha num projeto de grafite, essas coisas assim. Porque ali tu aprende, ao mesmo tempo pode ensinar ou acabar se profissionalizando nisso. Mexe muito com o emocional e o pessoal da pessoa durante o projeto”.

“O jovem não vai ficar nesse pequeno mundinho, porque se ficar ali, só naquele ovo, só naquele ovo, uma hora ele apodrece, quebra, essas coisas assim. Tanto é que o desenho próprio da comunidade, ele é como se fosse um formato de ovo, em diagonal... acho que é em diagonal? É, em diagonal... o logo da Nova Esperança. É fixado pra frente, a ideia de crescimento, de objetivo... Isso foi uns pontos mesmo da... de ter trabalhado com cidadania”. (..) “Não querer ficar só naquela pequena redoma, procurar espaços diferentes, áreas diferentes, pessoas diferentes, ambientes diferentes. Não ficar só no mesmo quartinho. A mesma coisa te colocar com uma roupa branca, num quarto todo branco e uma pequena luz vermelha, uma hora tu vai acabar alopando, ficando doido, (..) naquele pequeno ambiente”. (Maicon)

Esse ponto, relacionado com as mudanças das relações no plano local e a busca de novos espaços, foi destacado por vários dos jovens com quem conversei. No entanto, nenhum deles identificou alguma forma de intervenção ou de atuação que passasse por qualquer das instituições existentes no bairro ou na cidade.

O local e a cidade: o enfraquecimento dos laços

O importante é que essa percepção do local, o modo como pensam a sua relação como jovens moradores de um bairro pobre da cidade, permite também pensá-los não apenas em termos de projetos individuais. Articularam-se coletivamente, mesmo que as iniciativas tenham sido da universidade, revelaram-se propositivos: havendo recursos disponíveis passam a ter ideias, manifestar suas vontades, expressar desejos. Potencializam as oportunidades, e buscam mudar seus destinos. Isso segundo seus próprios depoimentos. Para tanto se organizaram coletivamente, e disso emergiu essa nova percepção da realidade, mesmo que não tenha se traduzido em ações práticas pra modificá-la coletivamente. No entanto, explicitaram um projeto em práticas coletivas efetivas e conscientemente justificadas, como, por exemplo, quando recusaram as drogas e quando evitaram a violência. A atitude de Maicon e de Daniel revela uma peculiar afirmação de uma cultura juvenil (Guimarães: 90). No pacto anti-drogas o grupo empenhou-se na criação de um padrão de organização coletivo próprio, que os identificassem como grupo. No caso o padrão foi de recusa à criminalidade e às drogas. O que desejo argumentar é que há um importante significado em torno disso. Tais práticas, numa continuidade com as brigas são também constitutivas da identificação coletiva de muitos jovens de áreas pobres de Florianópolis (mesmo entre classes médias, podendo ser tido como um traço distintivo do fenômeno juvenil contemporâneo).

Guimarães percebe uma linha de continuidade entre as galeras e os grupos criminosos do narcotráfico. Uma possível resposta para essa vinculação encontra respaldo nas conclusões de Alba Zaluar sobre jovens ligados ao tráfico de drogas. A autora percebe o vínculo entre uma ideologia individualista e um *ethos* da virilidade masculina entre os valores que movem esses jovens ligados ao mundo do crime². A

² Citação de *Crônica de Taeco Carignato*: Alba Zaluar, em sua pesquisa, verificou que seus jovens entrevistados revelaram a "internalização de uma ideologia individualista moderna em que a ilusão quanto à liberdade da pessoa estava atrelada a uma concepção extremamente autoritária de poder". Valoriza-se a absolutização da liberdade com os argumentos de "ninguém manda em mim, ninguém me influencia, ninguém me sugere". O líder cultuado é visto como um homem inteiramente autônomo, capaz de fazer valer sem restrições a sua vontade. "Trata-se", afirma a antropóloga, "da visão do indivíduo atomizado, sem vínculos sociais com as gerações anteriores, que se protege em bandos formados pelos seus iguais para demonstrar força bruta. Nessa ideologia, cada indivíduo e cada bando lutam sozinhos para se defender de todos os demais. Por isso mesmo a guerra é um tema

recusa em brigar, em se constituir como um grupo violento (leia-se: viril), é uma escolha que se reveste-se de um forte significado no contexto vivenciado por esses jovens.

Constituem-se como um grupo, mas fora dos códigos hegemônicos e dos valores predominantes entre galeras, gangues juvenis e grupos ligados ao narcotráfico de drogas que existem na área da cidade em que vivem, e que exercem fascínio sobre os jovens e compõem uma estética das periferias³. Assim, a recusa ao envolvimento com as drogas e uma postura crítica com relação à violência demarca uma ruptura com os códigos vigentes e constrói uma identificação de grupo.

Tais escolhas ocorrem sob o signo da tensão e da ambiguidade. Eles identificam-se como parte de uma “área”, e assumem uma identificação de grupo juvenil, incorporando inclusive a estética própria a esses grupos juvenis⁴. A dimensão territorial perpassa suas experiências. A tensão e a disputa entre as áreas, um código marcado pela violência, por mais que sejam críticos a ele, está também presente em suas práticas, e parece florescer quando se sentem mais inseguros, como por exemplo, quando estão fora de sua área. É o que relata um bolsista de pesquisa em seu diário de campo. Numa saída para prática de aulas de surf, enquanto caminhavam por uma trilha de acesso à praia, um encontro de olhares entre o grupo da Nova Esperança e jovens nativos da praia foi o que bastou para suscitar comentários do tipo: “Se o cara tivesse lá na área, ia ficar sem bicicleta e sem roupa”. A transcrição do trecho do diário segue abaixo:

*constante na fala desses jovens e uma realidade tão trágica em suas vidas.” Zaluar ainda chama a atenção para o *ethos* da masculinidade construído nos bandos criminosos sem o contraponto da feminilidade. Podemos notar, na recente onda de violências no Rio, uma única cena em que um suposto criminoso, vestido apenas de bermuda e fuzil, ri provocativamente para as forças policiais. Talvez o sujeito ainda não tivesse conhecimento do aparato militar que teria de enfrentar, mas a cena fornece a ideia de uma demonstração viril de desafio.*

³ Em certa ocasião, em que estávamos em uma van nos dirigindo a uma saída de campo de uma das atividades de um projeto de extensão, um dos jovens, de aproximadamente treze anos, observou aos outros, com um “olha, lá...” a passagem de um grupo atravessando um terreno baldio das imediações do bairro. Eram três jovens, todos vestidos com bermudas coloridas, tênis e agasalhos com capuz, conhecidos por seu envolvimento com o tráfico. O que me chamou a atenção foi o silêncio que se seguiu ao “olha lá...”: todos pararam de falar e ficaram observando-os com uma expressão que misturava curiosidade, medo e fascínio por aquele grupo que seguia caminhando com passos firmes e rápidos por uma das áreas do bairro.

⁴ Tal estética está fortemente presente, por exemplo, nos grupos de rap, em suas performances, letras e no seu vestuário. Esses grupos são bastante ouvidos pelos jovens, e mesmo pelas crianças, da Nova Esperança.

“Ainda no caminho a molecada se mostrou um tanto quanto folgados. Não sendo da área, na minha opinião, deveriam agir com mais cautela, mas se mostram abusados, são marrentos e não mostram muito respeito ao passarem por uns moleques na rua. Passaram de peito estufado demais, numa atitude que poderia ser encarada como confrontadora. Sem falar nos comentários, ‘se esse cara tivesse lá na área ia ficar sem bicicleta e sem roupa’”.

Há um componente de mobilização coletiva, não tão explícito, quase invisível, ou tido como invisível, pois não correspondem aos estereótipos de movimento coletivo (seja de movimentos sociais, seja das culturas juvenis) consagrados por ampla bibliografia acadêmica, pela mídia, pela literatura e pelo cinema. É nessa perspectiva que se pensa os projetos. Proporcionam a afirmação de uma cultura juvenil.

Disso, duas observações: não participam politicamente dado o encolhimento da esfera local, com menos poder na intermediação com a esfera pública. Foram dissuadidos a participar, criticam quem participa e não vêem futuro na participação política – assim Bel critica seu pai e suas tentativas de se consolidar como liderança comunitária. Daniel avalia como positivo o ter desistido de concorrer, junto com o seu grupo de jovens, à associação de moradores. E pelos mesmos motivos apontados por Maicon: os comentários negativos, as fofocas que aconteceriam, o fato de ficarem muito “focados” (visados), vulneráveis às fofocas que tanto execram na comunidade. Embora nas fofocas e na inveja um dos principais problemas das sociabilidades locais, escolhem não enfrentá-los por meio de uma associação de moradores.

Assim, pode-se dizer que os projetos os articulam coletivamente, mas não no sentido de intermediar com a esfera pública cidadina, tal como a associação de moradores e outras entidades. Mobilizam os jovens coletivamente, mas no sentido de buscas futuras no plano individual. Assim podem ser entendidas as percepções negativas dos jovens sobre as sociabilidades no plano local. Assim também podem ser entendidas o quanto frisam em seus discursos (e o quanto de fato adquire centralidade em seus projetos) o bem estar individual, no plano privado, onde o foco da realização concentra-se em ter a casa própria, ter trabalho e constituir uma família.

A segunda observação é que os projetos superam a escola na condição de agente de socialização (ver Charlot). Proporcionam um vínculo significativo com o saber que

não muitos dos jovens encontraram na escola. É por esse aspecto que é possível argumentar que os projetos ocuparam o espaço local mais do que a escola em seu papel de instituição de intermediação com a esfera pública da cidade. Tiveram significado para os jovens e, com isso desenvolveram o aprendizado. Na escola o aprendizado perde o sentido, ao menos para os estudantes de classes populares, em especial o aprendizado daquelas habilidades requisitadas para a vida na cidade. A ponto de Shirlei reclamar que a dimensão do respeito foi aprendida nos bombeiros e no curso de teatro, e não na escola⁵. Ou de Daniel resumir a importância da escola ao ensinar a ler e escrever, afirmando que o resto é a vida que ensina. Talvez em suas percepções a escola fique reduzida em seu papel, não lhe cobrando outras funções, que ficarão “para a vida”, ou para os cursos que por ventura venham encontrar, em razão da “avacalhção” da escola.

Mesmo que em suas percepções a escola não concorra com os projetos, ao ressaltarem aspectos educativos das experiências das quais tomaram parte, chamam a atenção para o desenvolvimento de aspectos formativos que são esperados pela sociedade com relação à instituição escolar. Mesmo que indiretamente, suas falas apontam lacunas na escola⁶. De suas famílias, a expectativa é que lhes garanta o futuro inserindo-lhes no mercado de trabalho e evitando que se envolvam com o mundo do crime.⁷

A avaliação que os jovens fazem das duas escolas que mais frequentaram é também reveladora dessa limitação no papel da escola como intermediadora com a esfera pública. O Pero Vaz é tido como “melhor” que o Aníbal. O tamanho da instituição, sua impessoalidade, são os critérios pelos quais julgam a escola.

⁵ O interessante é que o depoimento de Shirlei não aconteceu no sentido de fazer um ataque à escola e aos seus professores, mas no sentido de reconhecer uma limitação da instituição: “não é que [os professores] eram mal educados, eram isso e aquilo...”

⁶ Quando escutamos dos jovens toda uma valorização dos projetos educativos extra-escolares, e a reclamação com relação à escola de avacalhção e ao pouco respeito, a relação de indiferença com relação aos conteúdos escolares, vem a mente a afirmação de Dubet: “*O problema do aluno é fabricar o sentido de sua experiência, alguns, fazem na escola e outros contra a escola.*” (Dubet, *apud Carrano*, p.56).

⁷ É o que Nadir Zago identifica como sendo os dois pilares da escolarização dos filhos para os pais das classes populares, baseada numa lógica instrumental (o aprendizado de saberes para a integração ao mercado de trabalho) e na perspectiva de socialização dos filhos (proteção contra o mundo da rua, das drogas, das más companhias) - as quais indicam “a inseparabilidade entre instrução e socialização”. (Zago, 2000: 24). Quando os filhos se evadem, não arrumam emprego ou ligam-se ao mundo do crime, a escola está, portanto, falhando em seu papel.

Do Pero Vaz [escola que gostou mais]. Porque o Pero Vaz não é tão grande, é pequeno, tudo, mas os professores ensinam um pouco mais que o Aníbal. O Aníbal, não, o Aníbal já é um pouco mais avacalhado... bem mais avacalhado.” (Daniel).

Na mesma direção da fala de Daniel foram os depoimentos de Shirlei e de Bel, confirmando uma lógica segundo a qual quanto maiores as escolas, pior. O mesmo pode ser aplicado com relação ao América Dutra Machado, outra grande escola da região. Quanto mais se amplia, devendo então transcender o plano local e assumir uma posição de intermediação com a esfera pública mais ampliada, “menos ensina”, mais avacalhada é a instituição escolar.

Nesse sentido, cabe ainda uma última reflexão: os projetos sócio-educativos onde se inseriram, assim como muitos dos programas de iniciação ao trabalho, devem ser entendidos num contexto onde encontram ressonância, nas esferas pública e privada⁸, por serem iniciativas que conduzidas por uma perspectiva que analisa a juventude como um problema social, assumindo os jovens como risco. O que é bastante diferente do reconhecimento dos jovens como sujeitos de direito (Abramo, 1997). Mesmo que a perspectiva dos projetos dos quais fizeram parte não assumam a perspectiva dos jovens como problema, as condições que viabilizaram suas iniciativas estão relacionadas a essa perspectiva. Como argumenta Abramo, o fato é que desse modo é reforçada a imagem dos jovens como aqueles que trazem medo à sociedade e ameaçam sua integridade:

“Podem tornar-se, assim, junto com o medo, objeto da nossa compaixão e de esforços para denunciar a lógica que os constrói como vítimas e de ações para salvá-los dessa situação. Mas dificilmente como sujeitos capazes de qualquer ação propositiva...” (Abramo: 35).

Mas a dimensão apontada no parágrafo anterior nos sugere que seria mais prudente pensar os jovens da Nova Esperança em termos não tão definitivos. O modo como se colocam, a imagem que fazem de si mesmos constitui um elemento fundamental para não resumi-los a uma formulação sociológica que os reduza à simples condição de excluídos. Mesmo que os projetos não os tenham profissionalizado, e

⁸ Incluindo aqui aquelas organizações, respaldadas por setores empresariais, identificadas como pertencendo ao terceiro setor.

muitos permaneçam em trabalhos precários, braçais; mesmo que seu local de moradia permaneça isolando-os ao invés de integrá-los à vida da cidade, e que a escola tampouco os tenha possibilitado melhores alternativas de futuro; ainda que não estejam inseridos coletivamente em qualquer ação propositiva, há uma outra disposição internalizada por eles. Nisso, apóio-me na formulação de Jessé Souza acerca de um habitus precário. Os jovens da Nova Esperança configuram um caso que pode ser abordado a partir das categorias de Jessé Souza: a transição de um habitus precário (aquele “tipo de personalidade e disposições de comportamento que não atendem às demandas objetivas para que, seja um indivíduo, seja um grupo social, possa ser considerado útil e produtivo em uma sociedade de tipo moderno e competitivo, podendo gozar de reconhecimento social com todas as suas dramáticas conseqüências existenciais e políticas”) para um habitus primário (aquelas "precondições sociais, econômicas e políticas do sujeito útil, digno e cidadão, (...) reconhecido intersubjetivamente como tal") (Souza, 2003: 167). É nesses termos que se afirma (como foi colocado anteriormente), que os projetos foram educativos, e não instrucionais. Nesse sentido, atendeu às expectativas dos jovens: mais “responsabilidade”, “respeito”, “disciplina”, “elevação da auto-estima”. É igualmente nesses termos que também se pode entender que a satisfação dos jovens com essas experiências, as quais por terem como base iniciativas desenvolvidas na localidade, acabaram por fortalecer seus laços no plano local (na comunidade, segundo suas palavras).

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. 1997, n 5 mai/jun/jul/ago, n.6 set/out/nov/dez, p 25-36.
- ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.
- AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Educação intercultural e comunidades de periferia: limiar da formação de educador@s**. Tese de Doutorado em Educação. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Faperj.2002
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma nova teoria**. Porto Alegre: Artmed. Porto Alegre, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre,: Artmed, 2001.

EISENSTADT, Samuel (1976). **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000

KRISCHKE, Paulo J. Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática. In: ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo, Editora Ática, 2008.

LINS de BARROS, Myriam. Gênero, cidade e geração, perspectivas femininas. In LINS de BARROS, Myriam (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. 1997, n 5 mai/jun/jul/ago, n.6 set/out/nov/dez, p. 5-14.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

_____. **O jovem como modelo cultural**. **Revista Brasileira de Educação**. 1997, n 5 mai/jun/jul/ago, n.6 set/out/nov/dez, p. 15-24.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte, Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2003.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares – as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria A, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (org). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo, Brasiliense, 2000.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2004

ZALUAR, Alba. Teoria da eficácia coletiva e violência: o paradoxo do subúrbio carioca. In: **Novos Estudos**, n. 84, julho de 2009.